

pastoral

11-20



CEI

SUPLEMENTO - 11

CEI SUPLEMENTO N.º 11

MARÇO — 1975

Publicação de **Tempo e Presença**
 Editora Ltda.

Registrado de acordo com a
 Lei de Imprensa

DIRETOR-RESPONSÁVEL

Domício Pereira de Mattos

REDATOR

Carlos A. C. da Cunha

CONSELHO REDATORIAL

Rubem A. Alves

Ana Vitória de Toledo Barros

Elter Maciel

Paulo César Loureiro Botas

Jether Pereira Ramalho

IMPRESSÃO

Princeps Gráfica e Editora Ltda.

Rua Teodoro da Silva, 574

Distribuído aos assinantes
 do **CEI**

Assinatura anual: Cr\$ 40,00

Cheque pagável no Rio de
 Janeiro em nome de:

Tempo e Presença Editora Ltda.

Caixa Postal, 16.082 — ZC-01
 20.000 RIO DE JANEIRO, GB

ÍNDICE

EDITORIAL 1

ESTUDOS

Linhas Pastorais da Igreja
 na América Latina

— **Gustavo Gutierrez** 2

Algumas Reflexões sobre
 Pastoral Popular

— **Equipe NOVA** 12

A Ação da Igreja nas Bases:
 da Integração à Libertação

— **Cláudio Perani** 15

A Ação Pastoral das Igrejas
 Protestantes Brasileiras no
 Meio Urbano

— **Paulo Ayres Mattos** 22

DOCUMENTO

Seminário Ecumênico
 Internacional

— **Ir. Maria Augusta**

Ghisleni 27

Preço do exemplar avulso:
 Cr\$ 5,00

Biblioteca - Koinonia

() Cadastrado

() Processado

1

EDITORIAL

A tradição de muitas comunidades cristãs, notadamente as protestantes, tem repetido em recitações, orações, cantos, um salmo de Davi que está entre os mais conhecidos. Fala de verdes pastos, águas tranqüilas, refrigério, sombra da morte sem medo, mesa posta diante dos adversários. É o salmo do pastor e começa assim: "O Senhor é meu Pastor, nada me faltará". Na versão de Carlos Mesters: "... não sinto falta de nada".

Não sei bem por quê, mas, além do sentido muitas vezes alienante que lhe emprestam alguns exegetas, ocorre-me este salmo, quando lançamos este número 11 de nosso Suplemento sobre PASTORAL.

Levar a Igreja a colocar-se numa real e ampla missão pastoral, no lugar-onde de sua ação, abre assim, de repente, a visão esplêndida do TUDO que está faltando e do NADA que deve faltar.

Assim como ao pastor eram e são essenciais a direção, a presença e a voz, assim à Igreja, são-lhe básicas a voz, a presença e a direção (ou o sentido).

Há uma porção de vozes que nem de longe refletem a VOZ e, na falta desta, anda-se comumente às tontas. São muito mais

presentes certas presenças indesejáveis. E os rumos? e o sentido? Pobres rumos e sentido!

Há no entanto vozes, presenças e sentidos que, na falta da Igreja, se fizeram eclesiais (pedras que clamam, quando PEDRAS se calaram). Resta então entender e redescobrir o significado do PASTORAL dentro do NÃO-PASTORAL, do ECLESIAL entre o NÃO-ECLESIAL nem eclesiástico.

E sobra uma certeza de que se houver uma expressão real e presente de O-SENHOR-PASTOR nada faltará mesmo e há de ser concreto também o "habitar - na-casa-do-senhor-para-sempre" do final profético-poético do salmista Davi.

Mas as perspectivas, as dimensões, as aberturas, as confissões de erro estão nas páginas entrantes e nas penas autorizadas de Gustavo Gutierrez (Linhas pastorais da Igreja....), da equipe NOVA (Algumas reflexões sobre Pastoral popular), de Cláudio Perani (A Ação da Igreja nas Bases) e de Paulo Ayres Mattos (A Ação Pastoral das Igrejas Protestantes Brasileiras no Meio Urbano). No final mais um Documento sobre o Seminário Ecumênico Internacional.



estudos

Linhas Pastorais da Igreja na América Latina

GUSTAVO GUTIERREZ

O nosso ponto de vista será, acima de tudo, o da relação Igreja-Mundo. Isso nos obrigará a deixar de lado certas questões, ou apenas fazer alusão a elas.

Uma pergunta inicial: Como se estabelece o diálogo salvador da Igreja com o homem latino-americano? A Igreja da América Latina é menos sólida que a da Europa, mas leva uma vantagem sobre esta: está obrigada a ir rapidamente ao essencial, a perguntar-se sem dissimulação, o que é ser cristão, como ser Igreja nas condições que a cercam. Isto pela urgência que lhe propõe o fato de viver um processo muito rápido de

“descristianização”. A Igreja latino-americana está sendo fortemente pressionada pelas circunstâncias; sua pastoral está marcada por uma certa angústia que pode levá-la a perder o seu rumo. Por isso, paradoxalmente, a teologia é talvez mais importante na América Latina do que noutros lugares; é, porém, pouco cultivada devido, precisamente, à urgência da ação. A função da Teologia na América Latina será a de ajudar a pastoral da Igreja a fim de contribuir para que, em sua angústia, não se afaste do evangelho e das mais profundas aspirações dos homens deste continente.

Na presença da Igreja na América Latina podemos distinguir quatro opções pastorais que, de certa forma, coexistem no continente. São:

- uma Pastoral da Cristandade;
- uma Pastoral da Nova Cristandade;
- uma Pastoral da Madureza na Fé;
- uma Pastoral que poderíamos chamar de Profética.

2. A Pastoral da Cristandade

A cristandade não é um conceito, mas, antes de tudo, um fato histórico, vivido pela Igreja durante cerca de mil anos, desde a conversão de Constantino até o nascimento da Idade Moderna. Talvez por ser tão longa e profunda a sua experiência histórica é que se mantém tão arraigada na Igreja. A cristandade se dá também o nome de Época Constantiniana e se diz que o Concílio pôs fim a ela; e assim foi, o Concílio declarou terminada uma época que na realidade morreu quatro séculos antes...

No entanto a cristandade persiste em parte na América Latina. Caracteriza-se por um dado fundamental: a **Unanimidade Cristã**. Todo o mundo conhecido até então é cristão e as exceções são limitadas: os judeus fechados em guetos, os infiéis; estas exceções não têm grande gravitação na consciência cristã da época. A unanimidade cristã tem como consequência uma grande união entre o religioso e o político, entendendo-se o político em seu sentido mais amplo como o social e o temporal em geral; união tão estreita que então o ser homem era sinônimo de ser cristão; praticamente na Idade Média não se podia ser homem fora da Igreja. Daí também a

severidade frente à heresia, porque ser herege era ser um dissidente da sociedade; a rejeição da heresia não se fundamenta só em motivos de ordem religiosa, mas também, e principalmente, numa concepção social. A Inquisição é um produto de tal mentalidade, sobretudo num país que prolongou a sua Idade Média: Espanha; por isso na América Latina os precursores da independência eram acusados e castigados pela Inquisição, já que separar-se do rei de Espanha e separar-se da Igreja era mais ou menos a mesma coisa.

A experiência da cristandade marcou fortemente a Igreja, dando lugar a uma mentalidade que se manteve ainda nos séculos posteriores à Idade Média, quando essa época histórica tinha sido definitivamente ultrapassada. Tem sido a experiência mais forte da Igreja, vivida quando apenas iniciava a sua expansão no mundo. Experiência essa através da qual se elaborou uma reflexão teológica bem estruturada.

Esse fenômeno do prolongamento de uma mentalidade de cristandade se acentua de maneira especial na América Latina, porque este continente foi evangelizado por dois países (Espanha e Portugal) que não viveram a crise da cristandade que sacudiu o resto do continente europeu. Espanha e Portugal viviam ainda na Idade Média quando conquistaram a América Latina. A evangelização do continente se fez dentro da mentalidade de unanimidade cristã e da união entre o religioso e o político. Tal fato marca toda a época de colonização.

A cristandade foi quebrada na América Latina há apenas um século, com a independência: enquanto que na Europa o

rompimento se deu há quatrocentos anos. A proximidade dessa ruptura da cristandade é um sério obstáculo para a sua superação pela Igreja na América Latina.

Na época da reforma protestante, a Espanha toma a defesa da fé e luta contra os hereges. Empreende guerras religiosas e assume também a liderança da reação teológica; no Concílio de Trento é muito grande o papel dos teólogos espanhóis, além do mais muito bem preparados.

A Espanha, cuja atitude temos analisado, evangelizava a América na mesma época. A sua aspiração de prolongar a Idade Média encontra neste Continente um campo propício já que não há grupos sociais fortes que possam opor-se. A tarefa fundamental que se começa é batizar; batiza-se todo o Continente. Porém o cristianismo não penetra profundamente na América Latina; a nossa "Idade Média" é menos profunda que a européia. No entanto vive-se exteriormente uma cristandade que perdura ainda em certas regiões.

Vejamos algumas características que a Pastoral da Cristandade apresenta na América Latina de hoje:

a) Quanto ao acesso à Fé, nesta opção pastoral, existe uma equivalência entre conversão (a conversão do coração, a mudança interior) e a filiação à Igreja visível que se realiza por meio do batismo. O batizado é considerado crente, embora na prática não seja; do mesmo modo o não batizado é considerado não crente. Daí o esforço para filiar mais membros à Igreja institucional, pelo recrutamento que, nesta pastoral, vem a ser quase sinônimo de conversão. Quanto mais rápida seja a incorporação à Igreja, melhor; por isso as etapas que requer o ingresso na Igreja, são puladas e cumpridas muito

rapidamente. Descuida-se da evangelização em benefício da sacramentalização imediata. Outra conseqüência será a insistência no cumprimento dos deveres do cristão, que fundamentalmente são afirmar o Credo e observar certos preceitos morais. Estas serão as condições para pertencer à Igreja.

b) Uma segunda característica da pastoral da cristandade é que o critério da vida cristã é a prática sacramental. Alguém é cristão na medida em que é "praticante". A razão desta atitude é que o sacramento infunde a segurança da salvação e, se se está no mundo para salvar-se, os sacramentos são o primordial. Chega-se a extremos como o de considerar o sacramento como um seguro de salvação sem que interesse em primeiro lugar a conduta posterior da pessoa.

Este critério sacramentalista faz com que se contem os cristãos pela assistência à missa; leva a enfatizar a exigência da comunhão pascoal "ao menos uma vez por ano".

Tudo isto leva a pastoral da cristandade a uma interpretação especial do princípio "ex opere operato", o qual significa originalmente que o sacramento age independentemente da qualidade do sujeito que o recebe; pode ser um mau sacerdote, que tenha perdido a Fé, por exemplo, mas o sacramento é válido para ele. A interpretação avançou até se pensar que a qualidade ou a atitude do sujeito que recebe o sacramento importa tão pouco que o próprio sacramento atua independentemente da pessoa pelo simples fato de ter sido recebido; nada importa, pois, a preparação do sujeito, a exigência de uma vida cristã. Tem-se esquecido que na recepção do sacramento intervém a liberdade humana, que o sacramento exige

uma vida de amor ao próximo; um sacramento recebido sem essa disposição não produz nenhum fruto de conversão; porque não é recebido humanamente como um ato de liberdade.

c) Uma terceira característica da pastoral da cristandade é o papel atribuído ao condicionamento social; conta-se com ele para manter a unanimidade cristã ao menos nos países católicos. A mentalidade de "país católico" está fortemente arraigada em muitos países latino-americanos. Espera-se que o poder econômico, político, social, cultural etc. mantenha a Fé cristã. A perseverança na Igreja será, em grande parte, fruto desse enquadramento social. Ao mesmo tempo impede-se, através do poder civil, a possibilidade de expressão de idéias não cristãs ou não católicas.

A importância concedida ao condicionamento social na vida de fé conduz em muitos países à união entre a Igreja e o Estado; onde tal união não existe é lembrada com saudade.

Em alguns lugares toma a forma de Padroado, exigindo-se inclusive como condição para o acesso a determinados postos públicos o ser católico, e os cargos públicos são assumidos jurando-se perante um crucifixo, etc.

As razões pelas quais a Igreja tem levado adiante essa união entre o religioso e o político não são simplesmente de comodidade, são mais profundas: a Igreja crê, na pastoral da cristandade, que a união com o Estado favorece a vida cristã; a razão de fundo é, pois, uma concepção teológico-pastoral e esse, é um terreno fundamental em que é possível uma mudança de concepção.

d) Um quarto aspecto desta opção pastoral é o de acentuar uma forma de presença da Igreja, uma forma da comunidade

eclesial: a paróquia. Na pastoral da cristandade a paróquia é o grande elemento cristianizador e portanto o que merece mais atenção. A Igreja se identifica com a paróquia porque esta é o lugar da prática sacramental, o que para esta pastoral é essencial na vida cristã. A paróquia mantém, além disso, uma certa forma de unanimidade numa determinada zona geográfica. Esta é a razão da insistência na forma paroquial que se observa na primeira etapa da Ação Católica e que ainda perdura em alguns países. A defesa da paróquia como centro apostólico do leigo se fundamenta na idéia de que a prática sacramental é o critério da vida cristã. A razão profunda pela qual na pastoral da cristandade se olha com reservas para os movimentos especializados de ação católica é porque não centralizam a sua ação numa comunidade sacramental, mas no testemunho cristão num determinado ambiente sociológico.

Poderiam assinalar-se outros aspectos da pastoral da cristandade, porém os que estudamos são suficientes para o nosso objetivo.

Passemos agora a algumas observações críticas sobre a pastoral da cristandade, mantendo-nos no plano descritivo no qual por enquanto nos movemos:

**Operaram-se mudanças
no mundo latino-
americano que são
esquecidas pela
Pastoral da Cristandade.**

Um perigo sério na Pastoral da Nova Cristandade é transformar o cristianismo numa ideologia e dividir o mundo em dois blocos, cristãos e não-cristãos.

A primeira crítica que se pode fazer a esta opção pastoral é a de que não corresponde às características atuais da sociedade. Operaram-se mudanças no mundo latino-americano que são esquecidas pela pastoral da cristandade, que parece atuar por inércia, prolongando uma forma medieval.

Uma segunda anotação crítica se refere à eficácia. Na realidade a pastoral da cristandade é menos eficaz do que pensa, já que considera o número das pessoas que ingressam na Igreja, os batizados; mas não leva em conta os que saem, os que perdem a Fé, abandonam a prática e se declaram não católicos, ou simplesmente indiferentes.

A Igreja aparece, além disso, fortemente ligada às formas tradicionais da sociedade, a determinadas classes sociais, apresentando uma imagem chocante para muitas pessoas. Para conseguir o apoio do poder político e econômico chega a fazer uma série de concessões, ocorrendo na América Latina o paradoxo de uma Igreja apoiada por políticos e governos não cristãos, que não crêem no que a Igreja faz, mas que a apóiam por motivos de ordem política, por interesses econômicos, por conservar uma ordem que favorece seus próprios interesses.

Dá-se às vezes o escândalo de ver a Igreja de mãos dadas com governantes ou grupos não zcemente não cristãos (coisa perfeitamente respeitável), mas humanamente pouco dignos; ditadores ou políticos venais, coisas que a Igreja tolera ou desculpa em troca de uma proteção política ou de uma ajuda econômica que "favorece" a vida cristã no

pais. Hoje na América Latina, é triste confessá-lo, a Igreja se dobra diante dos poderosos, governantes ou não, produzindo-se situações insustentáveis como a que se pôde presenciar na República Dominicana durante a ditadura de Trujillo.

Em toda crítica há aspectos positivos e negativos e, embora até o momento tenhamos assinalado os últimos, na pastoral da cristandade existem também valores que é preciso apreciar com clareza.

Um dos aspectos interessantes deste tipo de pastoral é ter um grande sentido de massa, despersonalizada e necessitada de um certo enquadramento para poder viver humana e cristãmente.

A pastoral da cristandade é uma pastoral de massas e tem recursos para chegar a elas; as massas são sensíveis aos métodos da pastoral de cristandade (procissões e outras devoções).

A pastoral de cristandade responde a um setor do homem latino-americano: a massa proletária e subproletária; porém curiosamente responde também ao setor da oligarquia conservadora, que aprecia esse cristianismo tradicional e o reconhece como seu. A Igreja nesta pastoral recebe o apoio econômico da oligarquia para construir templos, colégios, seminários etc.

2. A Pastoral da Nova Cristandade.

A característica fundamental desta opção pastoral é a criação de instituições temporais cristãs: partidos políticos cristãos, institutos cristãos de formação

de operários e camponeses. Além disso reativa uma série de instituições que nasceram na pastoral de cristandade, como os colégios e universidades católicas.

A pastoral da nova cristandade parte da convicção de que o cristianismo deve incarnar-se numa cultura, em instituições políticas, numa luta pela justiça, manifestando através dessa encarnação a mensagem evangélica e mostrando que o evangelho não se desinteressa pela vida diária dos homens.

Esta pastoral se apresenta nitidamente como uma reação contra a anterior. A pastoral da cristandade parece demasiadamente "religiosa", despreocupada com a existência concreta do homem e ligada, às vezes inconscientemente, às classes poderosas que em alguns países mantêm situações de injustiça. A pastoral da nova cristandade quer apresentar uma nova face da Igreja preocupada pelo homem concreto e pelo estabelecimento da justiça.

Claramente podemos ver que na América Latina esta pastoral interessou em ritmo cada vez maior à elite do Continente, que encontrou pela primeira vez uma forma de ser autenticamente cristã e autenticamente cidadã de seus países; achou a possibilidade de uma fidelidade à Igreja e de aceitação de sérias responsabilidades cívicas, coisa que a pastoral da cristandade não lhe permitia, pois lhe fazia viver uma dualidade entre a vida cristã entendida como afirmação do Credo e prática sacramental, e a ação política, que normalmente se dava através de partidos políticos de estilo conservador.

A pastoral da nova cristandade apareceu na América Latina há trinta ou trinta e cinco anos, e influenciou fortemente nela a difusão em 1935, do "Humanismo Integral" de Maritain. Os mo-

vimentos de Ação Católica especializada nascem e se desenvolvem numa linha influenciada por Maritain, e repisam o compromisso temporal no ambiente. É por eles que a pastoral da nova cristandade chegará a aparecer como a segunda força na Igreja latino-americana (a pastoral da cristandade, continua sendo, até hoje, a mais importante).

Temos dito que a pastoral da nova cristandade se caracteriza pela criação de instituições temporais cristãs. Essas instituições não têm tão somente um fim religioso, mas também uma finalidade humana própria, como é o caso de um sindicato ou de um partido político; uma Universidade Católica não é somente uma instituição de catequese, mas uma instituição cultural formadora de profissionais. Porém essa finalidade humana tem como marco um contexto cristão.

Justamente pelo fato de criar instituições temporais cristãs, podemos dizer que esta pastoral se move com os critérios próprios da mentalidade da cristandade. Esta se caracteriza com efeito pela união entre o religioso e o político e esta união a encontramos também de certa forma na pastoral da nova cristandade porque ao fundar um partido político cristão, pensasse que haja uma projeção do cristão sobre o político o que torna possível uma simbiose de ambos. Maritain chamou-a de nova cristandade para distingui-la da antiga, da qual se diferencia por seu sentido do mundo profano e pela busca da justiça; daqui o fato de que esta pastoral apresenta uma fisionomia mais puramente evangélica da Igreja do que a da pastoral da cristandade, na qual a preocupação pela justiça está ausente.

A pastoral da nova cristandade responde parcialmente à

massa proletária e subproletária, porque crê na necessidade de enquadrar social ou temporalmente ao homem para que viva plenamente o seu cristianismo. Um partido ou um sindicato são um enquadramento no plano político ou sindical que permitirá à massa viver o cristianismo. A massa aceita com certa simpatia tais instituições; no entanto poderíamos dizer que esta pastoral responde à massa um pouco adiantadamente, responde ao que a massa quer ou deve ser e não de fato ao que é: por isso se observa muitas vezes que as massas não acompanham os cristãos comprometidos nessa linha e que preferem as velhas fórmulas conservadoras e seus partidos políticos.

O setor que acolhe mais plenamente esta pastoral é o da elite intelectual, técnica e política, comprometida com a transformação social e política da América Latina, já que encontra nessa fisionomia da Igreja a resposta a algumas de suas aspirações. Além disto este é um Continente ainda fortemente marcado pelo cristianismo, e muitos setores tão somente esperam que a Igreja apresente uma face mais atraente para segui-la, a fim de se poderem declarar, sem temor, cristãos, diante de outros homens.

Quanto à oligarquia conservadora, naturalmente, ela vai olhar com receio esta linha pastoral, surpreendendo-se de que gente cristã utilize uma linguagem que ela considera comunista; a velha classe conservadora se declarará inimiga deste tipo de pastoral e se negará a apoiá-la economicamente; em sua projeção política a apoiará somente em casos extremos, como um mal menor frente ao comunismo; sem dúvida, a pastoral da nova cristandade conta com meios econômicos mas não do próprio país mas do estrangeiro; recebe ajuda econômica de or-

ganismos internacionais alemães, norte-americanos etc.; possui, pois, os recursos para afirmar-se, criar instituições.

Esta pastoral responde a uma das aspirações do homem moderno, a eficácia; a Igreja aparece como interessante porque faz algo tangível, obra útil. Dá-se o lançamento de sacerdotes jovens em responsabilidades temporais; existe todo um setor do clero dedicado à sociologia, à economia, à planificação etc. Se entende por clericalismo a entrada do sacerdote em campos que tradicionalmente são considerados mais além de sua função na Igreja, esta pastoral apresentaria um novo tipo de "clericalismo de esquerda". Os sacerdotes desempenham o papel de assessores dos movimentos temporais cristãos: sindicatos, partidos políticos, mantendo um estreito contato com os leigos no terreno destes.

Algumas observações críticas podem-se fazer à pastoral da nova cristandade: é uma linha pastoral que avança com rapidez, pois caminha num terreno favorável que é o de países marcados pelo cristianismo, porque apresenta, como dissemos, uma imagem interessante da Igreja; porém também chega rapidamente a um limite que lhe custa muito superar; corre o perigo de dividir um país em dois blocos: os cristãos e os não cristãos, não só no terreno religioso mas também no político, forçando a situar entre os "não cristãos" pessoas que noutras circunstâncias não se teriam definido dessa maneira, mas que se vêem obrigadas a fazê-lo porque não podem entrar, a partir de um ponto de vista político, no setor dos cristãos.

Os limites desta pastoral se podem ver, por exemplo, em países como a Bélgica, que tem vivido muito tempo dividida em

dois blocos: de um lado o partido social-cristão, o sindicato cristão e a Igreja Católica; do outro o partido socialista e o sindicato socialista.

Hoje na América Latina, a pastoral da cristandade assume uma atitude anticomunista intransigente; o comunismo é o grande inimigo. A pastoral da nova cristandade será menos intolérante, mas corre o perigo de ficar prisioneira de um certo maniqueísmo, dividindo a humanidade em dois blocos, o cristão e o comunista. Politicamente esta divisão pode ser-lhe útil, já que em países como os nossos, marcados pelo cristianismo, muitos se vêem obrigados a se definirem pelo grupo cristão, se lhes apresentam a alternativa cristianismo ou comunismo.

Um dos valores mais importantes da pastoral da nova cristandade é o de possuir um sentido muito avançado da mediação humana para a apresentação da mensagem evangélica, descoberta de certo modo pela Igreja do séc. IV ao converter-se Constantino. Entende esta linha pastoral que a Igreja deve incarnar-se numa cultura.

Outro valor é o de possuir um sentido de massa; esta linha pastoral compreende que a massa despersonalizada necessita ser agrupada por instituições que a ajudem a viver e que sejam ao mesmo tempo fatores de personalização. Como a pastoral da cristandade possui também um forte sentido de massa, é possível que em muitos casos se produza, sem maiores conflitos, a passagem de uma a outra pastoral.

Porém um perigo sério na pastoral da nova cristandade que esclareceremos mais adiante, é o de transformar o cristianismo numa ideologia. Por enquanto somente assinalamos tal perigo que requer uma análise mais profunda.

3. A Pastoral da Madureza na Fé

Esta linha pastoral se apresenta como reação à anterior. Ela teme a divisão em blocos religioso-políticos, teme que a Igreja volte a comprometer-se com determinadas formas políticas, embora desta vez sejam mais justas, mais de esquerda, mas sempre circunstanciais, e que não possa libertar-se delas.

Preferirá dedicar-se à formação de elites, de minorias de cristãos lenta e cuidadosamente educados ao longo de anos; formará pois militantes cristãos maduros na Fé.

A nota fundamental da formação destes cristãos será a Fé pessoal e adulta. Ser cristão é ter aceitado com plena liberdade a Fé Cristã; esta exigência questiona a situação da maioria das populações da América Latina que, condicionada por uma série de fatores, não tem condições para pôr em prática um ato de liberdade plena. A Fé pessoal que se pede aos cristãos não é Fé individualista; ao contrário, se falará muito da comunidade cristã; porém, de fato insistir-se-á numa forma de ser adulto na Fé que faz com que esta linha pastoral se destine a grupos pequenos, que geralmente serão considerados marginalizados pelo resto da Igreja. Esta pastoral corresponde à segunda etapa dos movimentos da Ação Católica especializada. (A primeira foi a pastoral da nova cristandade).

Na ação apostólica prefere os "meios pobres", não exige um financiamento custoso como o que exige uma instituição temporal cristã; desconfia, por outro lado, dos compromissos que um financiamento traz consigo.

Seu trabalho apostólico se baseará no respeito à liberdade

10 pessoal. Considera que uma instituição temporal cristã exerce uma certa pressão sobre a liberdade dos que tomam parte nela. O fundamental é a liberdade pessoal daquele a quem se dirige a mensagem evangélica; é quase a condição da evangelização. Por isso, de fato, se aplica a muito poucos latino-americanos, pois são poucos os que exigem um respeito por sua liberdade. Esta opção pastoral sacrifica a extensão, a quantidade, pelo aprofundamento na formação cristã.

Exige que não se confundam dirigentes apostolares com os dirigentes de movimentos temporais.

Rejeita radicalmente o agrupamento dos cristãos enquanto cristãos no plano temporal; os cristãos devem viver no meio dos demais homens e não têm por que agrupar-se como cristãos no que é temporal; em contrapartida, no plano religioso, os cristãos devem agrupar-se em comunidades.

A pastoral da madureza na Fé exige de seus militantes um compromisso temporal, diversificado segundo as suas opções pessoais. O modelo adotado é de certo modo, o da Ação Católica Operária francesa, que reúne militantes comprometidos em diversos sindicatos, em diferentes linhas, para fazer em comum a revisão das experiências de vida; o movimento apostólico como tal não realiza nenhuma tarefa de tipo temporal.

A pastoral da nova cristandade qualifica esta outra pastoral de pouco eficaz e de pouco concreta. De fato a pastoral da madureza na Fé dificilmente pode apresentar realizações porque sua linha é precisamente não fazer nada como movimento apostólico no plano temporal. A pastoral da nova cristandade sim, pode exibir realizações concretas nessa ordem.

Podem-se fazer algumas observações críticas ao fato de que a preocupação maior desta pastoral é com as minorias; a massa pouco importa talvez porque em nosso continente as outras duas pastorais (da cristandade e da nova cristandade) se ocupam com ela... Porém que faria esta pastoral se não houvesse ninguém que se preocupasse com ela? Pareceria que em alguns casos esta pastoral vive um tanto parasitariamente com relação às outras.

Além disso, a sua insistência na fé pessoal, num continente como a América Latina, onde a massa despersonalizada tem imensas dificuldades de chegar a uma fé madura, faz com que ela seja pouco adequada à imensa maioria do povo latino-americano.

4. A Pastoral Profética

Uma nova forma de presença e de ação da Igreja se esboça na América Latina. Poderíamos chamá-la uma pastoral profética. Não é uma reação contra a anterior, é antes um aprofundamento. Neste enfoque se toma uma melhor consciência da situação de diáspora em que se acha a Igreja no Continente. Daqui a maior preocupação com os homens que estão fora da Igreja visível e, conseqüentemente a intenção de reorientar a ação pastoral em função deles; contrariamente à pastoral da cristandade dirigida para conservar a Fé nos crentes. Esta reorientação implica em precisar, à luz da Fé, a situação do não cristão frente a Cristo, portador de uma mensagem de amor e de comunhão para todos os homens. A pastoral profética se esforçará por tirar todas as conseqüências da afirmação da salvação universal, em particular aquelas que levam a redefinir a missão da Igreja no mundo, um mundo no

qual o Senhor da história está presente. Percebe-se, dessa forma, debaixo de uma nova luz, a função profética da proclamação da Palavra.

Uma segunda faceta desta linha pastoral é a intenção de viver, de forma radical e coerente, as exigências sociais do Evangelho. O mundo em que o Povo de Deus está presente na América Latina é um mundo em transe revolucionário, no qual aparece a violência em diversos níveis. É em tal situação que a Igreja latino-americana deve cumprir a missão de serviço que lhe atribui o Vaticano II. A pastoral da madureza da Fé tinha levantado uma certa clareza de idéias sobre o modo como os cristãos deviam assumir as suas responsabilidades políticas. Na pastoral profética se dá mais um passo: reage-se contra uma Igreja, base da ordem injusta em que vivemos. Uma denúncia profética das injustiças sociais surge como uma das grandes tarefas da Igreja. Em estreita relação com este enfoque, os movimentos apostólicos leigos radicalizam as suas posições políticas e os seus militantes se comprometem cada vez mais com o processo revolucionário latino-americano. Isto tem trazido, em muitos casos, atritos e inclusive rompimentos com a autoridade eclesiástica. Encontrar novas maneiras de se situar a Igreja será uma das grandes tarefas dos movimentos apostólicos no tempo que está para vir.

Traça-se sem dúvida de uma linha pastoral de busca, as suas realizações são ainda escassas,

avança-se às apalpadelas e por intuição no plano de ação. Em contrapartida, no plano dos conceitos teológicos, parece estar melhor definida.

É justo reconhecer, por outro lado, que não faltam ambigüidades. O desejo de ir ao fundamental do cristianismo pode levar a minimizar aspectos importantes da vida cristã. A preocupação com o diálogo e o compromisso em comum com os não cristãos pode levar a perder de vista a originalidade da mensagem cristã. São riscos inerentes a toda busca, a todo o intento de caminhar por veredas desconhecidas.

Esta linha pastoral estaria representada sobretudo, por militantes — e ex-militantes — de movimentos apostólicos leigos de jovens, operários, camponeses, estudantes. Grupos no entanto minoritários na Igreja latino-americana e que estão dando os primeiros passos neste caminho.

As quatro linhas pastorais que temos assinalado existem atualmente no continente, em diversos níveis de extensão e de realização. A pastoral tem, sem dúvida, uma presença maioritária.

Ao assinalar quatro formas pastorais não pretendemos criar modelos nos quais se encaixe a realidade; é impossível situar as pessoas ou movimentos, rigidamente numa destas formas. Apontamos como um esquema de trabalho, como diretivas para uma leitura da realidade pastoral da Igreja na América Latina.

Algumas Reflexões sobre

Pastoral Popular

1. Direta ou indiretamente, a Igreja é uma das grandes promotoras das experiências educativas de base no Brasil, hoje. A maioria destas experiências incluem-se em programas de pastoral através dos quais a Igreja vem atingindo vastas camadas das classes populares.

Dado o poder de influência da instituição Igreja na formação do universo simbólico de seus membros, torna-se muito importante serem as formas de prática e consciência social dos agentes de pastoral (clero e leigos) melhor conhecidas e caracterizadas.

As considerações que se seguem têm como origem e pano de fundo as constatações acima.

2. Ao nível dos programas de pastoral de base, é possível apontar algumas situações problemáticas que já estão requerendo, por parte de seus responsáveis e assessores, uma reflexão que ajude a esclarecê-las:

● Ao estabelecer sua relação com a sociedade, a Igreja caracteriza-se, hoje, por uma sensibilidade social que se expressa na convocação aos cristãos, para que se engajem na busca de soluções para os problemas da sociedade.

Sua compreensão do real, contudo, carece de maior embasamento científico. Utilizam conceitos teoricamente esparsos que, revestidos da linguagem bíblica e humanista, parecem-lhe suficientes para orientar sua prática e definir sua posição social. Evidentemente, se uma das

marcas da intervenção social da Igreja tem sido o caráter ético de seus pronunciamentos sobre a realidade social, a referência destes pronunciamentos é necessariamente da ordem dos valores e princípios. O que se quer assinalar aqui é que a abordagem científica da sociedade não nega nem se contrapõe à abordagem ética; trata-se de diferentes níveis de aproximação do real, que não se excluem; antes, requerem-se como condição de eficácia na tarefa permanente de reconstruir as condições da convivência social. O que não se pode é desconhecer a insuficiência dos princípios como suporte explicativo e orientador da prática, sob pena de seus resultados não virem a corresponder às intenções de justiça social em que a própria Igreja está empenhada.

O sentido dos conteúdos de fé revelados na Bíblia permanece, transcende o tempo histórico. A realidade onde estes conteúdos vão adquirindo vida, muda, e com ela os próprios conceitos teóricos que ajudam a explicá-la.

Aqui se coloca um dos grandes problemas verificados junto aos agentes de pastoral. O modo como explicam a relação entre fé e engajamento social é um componente fundamental do modo como orientam e justificam sua prática (pastoral) na sociedade. O que se verifica? Uma tendência a recuperar o comprometimento social do cristianismo com a justiça. Daí as propostas de amor ao próximo, serviço do

irmão, comunidade, etc. A necessidade de atualizar a experiência cristã primitiva introduz as categorias de promoção humana, desenvolvimento integral, pastoral, etc. E a realidade é enfocada apenas neste nível da intencionalidade. Por exemplo: a expressão “desenvolvimento integral” carece de referência à realidade social concreta; fica-se apenas na constatação de que o desenvolvimento é algo desejável e não está ocorrendo de modo adequado à idealização que dele se tem; não se atenta para a necessidade de um embasamento mais sólido que permita compreendê-lo nas razões que o determinam e nas alternativas inscritas no processo social que ele provoca.

A consequência tem sido uma prática pastoral incapaz de discernir, em seus resultados, aquilo que, na realidade, está concretizando seus objetivos.

● Outra situação problemática é a seguinte. Os cristãos das comunidades de base reúnem-se à luz da fé, em geral para discutir os problemas sociais (quase sempre os restritos à sua comunidade) e tomar providências quanto a possíveis soluções. Sendo que o “à luz da fé” permanece, o mais das vezes, teologicamente vago, o que resulta é que a Igreja torna-se, em última análise, a promotora e gerente das iniciativas sociais da comunidade.

Quais têm sido as consequências? Os cristãos que participam dos trabalhos de pastoral tornam-se os “donos” dos trabalhos comunitários, os mais engajados (quem não participa dos grupos e trabalhos da pastoral é menos cristão, menos engajado...). Introduz-se, mesmo inconscientemente, uma noção de elitismo dos cristãos.

● Em relação mais propriamente ao anúncio e conhecimento da mensagem, verifica-se que o evangelho, ou é elevado à

categoria de referência exclusiva no julgamento e orientação de toda ação social, sem se dar a devida importância ao papel indispensável que cabe às ciências sociais neste particular, ou é reduzido a mera justificativa nominal da ação social — neste caso a Bíblia funciona como meio de transposição mecânica de fatos de uma época histórica para fatos sociais de hoje, sem se captar nela o específico da mensagem de fé.

● O modo de viver a relação fé/história tem revelado, muitas vezes, o desconhecimento (ou a pouca preocupação) das condições objetivas da história concreta de cada tempo e lugar. Não levando em consideração o avanço global do processo social, ocorre muitas vezes o surgimento de movimentos locais provocados pela pastoral mas que, no seu avanço, extrapolam seu âmbito, colocando para os agentes de pastoral questões práticas bastante complexas: por exemplo: qual o âmbito da pastoral?

● Por não ser clara a percepção da complexidade da problemática social e do desempenho da instituição Igreja aí dentro, ocorre que, frequentemente, o objetivo maior da renovação é alargar as estruturas de participação popular apenas ao nível da própria instituição Igreja. As comunidades de base, a liturgia dirigida pelos leigos vêm sendo instrumentos disso.

● A maior participação popular nas estruturas da Igreja tem, por outro lado, apresentado um problema. Em sua ambiguidade, a Igreja é portadora de um status. Este status passa a funcionar como força de atração para as aspirações de ascensão social; e as novas estruturas eclesiais que se criam são o meio de realização de tais aspirações. A consequência prática é que, em geral, os agentes de pastoral (leigos) de origem popular são como que promovidos de sua

O sentido dos conteúdos de fé revelados na Bíblia permanece, transcende o tempo histórico. A realidade, onde estes conteúdos vão adquirindo vida, muda.

classe, adotam a linguagem social da Igreja, tornando-se eles também portadores de status em relação às categorias sociais onde tiveram origem. São como que desenraizados de sua "cultura", sem contudo chegarem a participar integralmente da outra "cultura".

Estes são alguns problemas com que se defrontam os agentes de pastoral e os agentes de assessoria junto aos programas de pastoral. O seu esclarecimento não se esgota com uma reflexão apenas da ordem das ciências sociais, ou da ordem de uma estratégia de ação social. Necesita também de uma reflexão de ordem teológica e eclesial que responda aos agentes de pastoral enquanto cristãos envolvidos numa prática de Igreja. Reflexão que seja capaz, inclusive, de indicar aos assessores dos programas de pastoral, o papel que lhes cabe neste esclarecimento.

3. Algumas sugestões para um primeiro passo neste processo de esclarecimento:

Como instituição, a Igreja existe inserida no processo social, nele exercendo uma intervenção e dele recebendo influência.

Há que considerar contudo, o caráter específico da instituição Igreja. Sua missão diz respeito ao anúncio da revelação; do ponto de vista teológico, alguns afirmam que a significação da revelação só cobra sentido quando incarnada nas sociedades humanas e tempos históricos muito concretos, sob pena de tornar-se uma abstração estranha à obra humana — que é social por excelência. Enquanto

instituição, a Igreja assume comportamentos e posições sociais possíveis de preservar sua existência e subsistência nas sociedades determinadas.

Surge daí uma certa tensão no modo de ser histórico da Igreja, tensão que vem se traduzindo, freqüentemente, numa ambigüidade entre a missão que assumiu e deve cumprir, e os limites que cada sociedade impõe a suas instituições.

Mais explicitamente, do ponto de vista teológico, a missão da Igreja é universal; do ponto de vista histórico, ela sempre se solidarizou com os sistemas sociais predominantes do mundo ocidental. A tensão entre a universalidade de sua missão e a particularidade própria dos sistemas sociais aos quais se integrou, gera contradições que atingem, conjuntamente, o cumprimento de sua missão teológica e o cumprimento do papel institucional que os sistemas sociais lhe atribuem.

Tudo isso parece sugerir que a referência básica para o esclarecimento dos problemas da pastoral poderia ser a relação: salvação/processo social/instituição-igreja.

(Este artigo foi elaborado pela equipe do NOVA — Pesquisa, Assessoramento e Avaliação em Educação —, como subsídio a um debate com responsáveis e assessores da pastoral popular, que permitisse esclarecer e aprofundar questões que o trabalho de pastoral vem colocando a todos que, de alguma forma, lidam com ele).

A ação da Igreja nas bases: da Integração à Libertação

CLÁUDIO PERANI

É consciência adquirida hoje na América Latina de que o **ponto de partida da reflexão teológica deve ser a Igreja concreta**. É nela que se manifesta a novidade histórica, se encontra o princípio da renovação e, de conseqüência, se revela Deus. Procuramos, nestas breves e práticas reflexões, encontros e contatos com a base.

Uma das tendências dessa prática eclesial que pode ser descoberta com facilidade sem precisar de pesquisa, é aquela que poderíamos chamar de **"tendência para base"**. Observa-se na igreja brasileira uma migração notável na direção das classes populares. Resta ver quais as dimensões e a consistência do fenômeno. Em que consiste?

Aqueles que dedicam tempo integral a uma atividade eclesial, em geral, aquelas pessoas que o povo considera pessoas de igreja assumem outro ambiente e estilo de vida e passam a morar em bairros populares, no interior do país, no meio de operários e camponeses. Há um começo de mobilidade social (ainda limitada?) da classe média para as classes populares, do centro da cidade para a periferia, da cidade para o interior. Vários colégios de ensino médio são fechados e as irmãs passam a viver numa pequena comunidade de um bairro popular.

Essa mudança deu origem a **novas formas de trabalho**, assistindo-se hoje a uma multiplicação de "comunidades eclesiais de base", onde "base", na maior parte dos casos, significa exatamente, os estratos mais baixos da população.

Sobre esse fenômeno desejamos refletir, considerando, em primeiro lugar, o aspecto particular deste "viver com a base", procurando aprofundá-lo através de três degraus:

- presença;
- presença de ação;
- presença de ação crítica;

Em segundo lugar, como lógica conseqüência e como contribuição mais importante do artigo, refletiremos sobre o problema de uma presença que "vem de fora" e sobre a desejada "identificação" com as classes populares, reconhecendo como necessária a influência de pessoa "de fora", no sentido de alguém que já tenha uma consciência esclarecida

1. Presença

Não é difícil descobrir as **razões** que podem ter levado pessoas de igreja para uma presença nos meios populares. Habitualmente houve na história da igreja um dinamismo na direção dos mais pobres que suscitou

várias iniciativas e novas experiências. O **evangelho** pede insistentemente um compromisso de vida e um engajamento preferencial com os pobres.

A crise do mundo com suas diferenças sociais violentas, o processo de secularização em andamento e os movimentos que precederam e deram conteúdo ao Concílio, levam a igreja hoje a tomar consciência de um grande "aburguesamento" e a procurar abrir sua atividade para outras classes. Essa consciência é mais viva na América Latina onde os bispos reconhecem que "a hierarquia, o clero, e os religiosos são ricos e aliados dos ricos (1). Daí a insistência para uma "distribuição tal dos esforços e do pessoal apostólico que se dê preferência efetiva aos setores mais pobres, necessitados e segregados". (2).

No caso concreto do Brasil o planejamento da Pastoral de Conjunto, faz anos, insiste na linha das **Comunidades Eclesiais de Base** (3) que — apesar de em teoria não fazerem distinção de categorias — na prática se desenvolveram entre as mais populares, engajando um sempre maior contingente de lideranças. Habitualmente essa presença consiste em ir **morar num bairro popular ou no interior**, levando uma vida simples, procurando o contato de casa em casa...

Não existe um objetivo concreto, a não ser o desejo de uma maior solidariedade com os oprimidos, procurando amizade, prestando serviço, consentizando. Trata-se de um entrosamento com situações e pessoas concretas na **linha do conhecimento e do afetivo**, em primeiro lugar. **Presença vivencial**, de testemunho.

Reconhecemos o valor deste primeiro passo. É em muitos casos um caminho indispensável para romper com determinados hábitos e esquemas mentais de

caráter burguês-clerical que aprisionam as pessoas de igreja. A nova situação é pressuposto para conseguir compreender mais concretamente as necessidades das classes populares. Sai-se de uma aceitação universalista e teórica de toda e qualquer pessoa e percebem-se valores, contradições, sofrimentos, escravidões, no concreto de um contexto bem limitado. Questionamento pessoal e conhecimento do outro: as duas coisas vão juntas e se condicionam reciprocamente.

Tudo isso é importante, mas insuficiente. Deve-se colocar o problema da **presença em termos mais críticos**. Pode ser uma presença integradora ou libertadora, isto é, pode ajudar as pessoas a aceitarem a situação presente ou pode estimular um trabalho de mudança. O problema não pode ser colocado e resolvido só em termos "subjetivos" de autenticidade. A eficácia da presença é **medida pela ação** que exige objetivos bem concretos e limitados. Às vezes parece existir uma prioridade do "contemplativo" no sentido de que se coloca, como único e absoluto, o valor "vivência", ficando assim na impossibilidade de pegar e questionar a realidade objetiva que fica desvalorizada.

Isso nos leva a considerar o segundo ponto da nossa exposição: o problema da ação.

2. Presença de ação

A pergunta que se coloca é a seguinte: "**viver com**" ou "**agir com**"?

É verdade que existe uma série de práticas as mais variadas possíveis: distribuição de alimentos, de vestuário, de remédios..., atendimento médico, cooperativas, e artesanato, organizações educativas com cursos de todo tipo, desde alfabetização a cursos profissionais,

grupos de evangelização e de catequese para todas as idades, encontros litúrgicos, etc.

Prevalece, porém, muitas vezes uma **supremacia do elemento "palavra"** (sobressaem os encontros, as reuniões, a doutrinação...) que suscita uma certa insatisfação; há a impressão de não morder a realidade, de perder tempo, de não alcançar nada. Conseqüências? Às vezes resolve-se julgando que há um imediatismo excessivo ou falta de fé, outras vezes rejeita-se toda e qualquer discussão teórica exigindo atividades, "fazer algo".

Um dos motivos desse impasse, ao nosso ver, depende do fato de que não dá prioridade à **ação**. Apesar de afirmar teoricamente o valor do engajamento e do serviço e a necessidade de ação, a evangelização muitas vezes está num esquema que dá prioridade à palavra, deixando em segundo lugar a ação. Isso determina dificuldade de recuperá-la, pois fica-se sempre num esquema conceitual. A prática. Essa última é prioritária: **a praxe deve preceder toda reflexão**. Nessa linha, o "viver com" tem sentido só se conseqüência de um "agir com".

Apresenta-se uma objeção: a **Bíblia** não dá prioridade à palavra? a evangelização não consiste em anunciar a palavra do evangelho?

Devemos reconhecer isso, sem contudo renunciar à nossa crítica anterior; ao contrário, fica confirmada também por uma

reta interpretação dos dados bíblicos a exigência fundamental da ação. O sentido "palavra" que orienta muita atividade de igreja é interpretado a partir da categoria "conhecimento" como simples comunicação entre homens, como transmissão de idéias, de conceitos, de doutrinas, contra o verdadeiro sentido bíblico. Para a Bíblia a "palavra" tem dois aspectos distintos, mas indissociáveis: **revela ao mesmo tempo que opera**. É algo dotado de eficácia que exprime a pessoa toda, seu dinamismo e sua ação, e que importa em acontecimentos que constroem o mundo e fazem a história. Também o ministério da igreja, a evangelização, que é serviço da Palavra de Deus, deve ser entendido como obra de salvação e potência de vida. O evangelho, boa nova, é sempre prioritariamente uma ação, um acontecimento de "saúde" que depois é interpretado.

Se é verdade que não podemos tirar dessas afirmações uma metodologia de ação nem uma filosofia científica de mudança da sociedade, fica adquirido o conteúdo concreto da nossa vida: deve ser ativa, dando prioridade à ação, à transformação, ao trabalho para construir o homem novo. A prática é, na dinâmica da vida, ponto de partida e ponto de chegada. Assim sendo, todo "viver com" deve ser questionado e interpretado a partir do "agir com". A presença da liderança de igreja deve ser uma **presença de ação**.

Para a Bíblia a "palavra" tem dois aspectos distintos, mas indissociáveis: revela ao mesmo tempo que opera. É algo dotado de eficácia que exprime a pessoa toda e que importa em acontecimentos que fazem a história. Assim é o ministério da Igreja.

Com isso nem tudo está dito. **Que tipo de ação?** Que tipo de prática? O equívoco entre uma presença integradora (mantedora da situação atual) ou libertadora (favorecendo uma mudança positiva) deve ser posto também para a ação. Nem toda ação é libertadora. Quais os requisitos?

3. Presença de Ação crítica

O problema do tipo de ação é menos notado, ou melhor, raramente chega a colocar-se em termos mais críticos.

Como vimos, há uma série de atividades, muitas de caráter promocional, que podem ficar resumidas dentro dos dois extremos que as caracterizam: empreendimentos de cunho econômico e atividade de tipo educativo. Através delas o **problema da mudança libertadora é atingido na sua raiz?**

Também entre aqueles que estão "agindo", muitas vezes, existe uma grande **insatisfação** com o resultado da ação. Percebe-se que algo não funciona. Muitos resolvem o problema numa linha **voluntarista**, exigindo maior generosidade e maior coragem, sem questionar a ação em si mesma, em seus objetivos e instrumentos. Mais difícil ainda é encontrar pessoas que coloquem o questionamento mais além da ação visível, no nível da **visão de realidade, possuída.**

Tocamos aqui o problema fundamental da **ideologia** que influencia toda atividade humana a celestial também. Entre os

vários sentidos dessa palavra, aludimos àqueles mecanismos inconscientes que operam numa determinada direção, que pode ser bem diferente daquela explicitamente querida. Trata-se de um sistema de representação e de valores que a classe dominante de uma sociedade determinada produz e que influencia todo e qualquer julgamento e decisão. É como uma prisão, um viver dentro de um mundo fechado sem perceber isso.

Uma pessoa de igreja que se transfere para um bairro **traz consigo uma mentalidade e uma escala de valores que provêm de outro ambiente.**

Não é difícil percebê-lo. Habitualmente, também nos meios "renovados" da "pastoral", subsiste uma visão antropológica personalizante com forte conotação individualista e subjetivista, **dá-se prioridade ao egoísmo e à boa vontade na explicação das causas das injustiças** e na procura dos caminhos de mudanças, **sem perceber suficientemente o problema estrutural** e conseguir dar um conteúdo objetivo a esse egoísmo ou boa vontade. **Prevalece uma perspectiva moralizante que apela continuamente para a consciência.** Mas consciência de quê? Evita-se todo e qualquer confronto, propondo a cada passo "diálogo", "entrosamento", "união", que ficam superficiais e impossíveis porque não se consideram suficientemente as profundas divisões estruturais que existem. Uma falsa perspectiva universalista leva a ignorar com facilidade **a divisão da sociedade em categorias** a partir de interesses fundamentais e diferentes, no momento em que tais divisões são aceitas na prática e, portanto, confirmadas. Há dificuldade para inserir o "culto dominical", os "círculos bíblicos", como também muita

A ideologia dominante influencia toda atividade humana, a eclesial também. É como uma prisão, um viver dentro de um mundo fechado sem perceber isso.

atividade promocial, num quadro mais amplo de mudança.

Podemos acrescentar o perigo de a "visão" permanecer clastista no sentido burguês do termo, também no fato como tal da constituição de uma liderança de igreja socialmente distinta e definida, acima e em oposição aos outros, considerados quase como cristãos de segunda ordem.

Toda essa mentalidade ideológica é continuamente alimentada por uma teologia elaborada num contexto diferente, vulgarizada e transmitida ao povo com o qual se trabalha. Juntamente com as pessoas com sua mentalidade chega ao bairro ou ao município do interior toda uma literatura, cartazes, filmes, subsídios de qualquer tipo, verdadeiro material "estrangeiro", embora "made in Brazil", **porque elaborado dentro de outros interesses e com pressupostos classistas.** Com isso não queremos negar o valor do "vir de fora". Vamos ver que algo nesse sentido é necessário. **Questionamos o conteúdo da invasão.**

Várias pessoas com facilidade advertem a dificuldade desse tipo de presença e procuram resolver a partir do princípio do **profundo respeito** que se **deve ao povo.** Procuram despojar-se de toda influência própria, favorecendo a iniciativa e a responsabilidade dos interessados. É inútil dizer do valor dessa perspectiva que, porém, deve ser bem entendida, pois radicalmente o "respeito ao povo" não muda a natureza do problema. Há o perigo de cair em um grande **"espontaneísmo"** aceitando sem

mais, a primeira palavra do povo porque do "povo", com a consequência de uma prática ingênua e, por isso, não transformadora. **É preciso lembrar, a propósito de ideologia, sua universalidade, isto é, por ser da classe dominante não se absorve só na mesma, mas é absorvida também pela classe dominante. O povo interioriza as forças que o tornam dependente (4).** É por essa razão que toda prática "espontânea" habitualmente coopera para manter a situação existente.

Que fazer? Deve ser superada a simples presença de ação para pôr o problema de uma **ação crítica.**

Essa exige, em primeiro lugar, a **tomada de consciência do problema ideológico.** Há uma grande dificuldade, pois **por definição a ideologia é inconsciente,** a pessoa que vive dentro de um mundo ideológico fechado não o sabe. Mas não é impossível introduzir um processo de mudança. Já no nível propriamente teológico todos nós temos experimentado uma troca de mentalidade e de valores que era impensável antes. Não há dúvida alguma de que a experiência de miséria constatada na nova situação de vida é fundamental para pôr em crise o próprio sistema. Não é suficiente. É preciso recorrer a novas categorias, novos conceitos que possam questionar a visão antiga.

Tudo isso deve vir de fora, num certo sentido, pois a ideologia se conhece "desde fora".

É o problema da **análise** da realidade da ação. É necessário encontrar um instrumental de

análise que nos ajude a compreender e superar a consciência e as práticas ingênuas do povo, a ter uma visão mais estrutural do contexto, a descobrir todas as implicações de conteúdo econômico, social e político de uma ação pastoral, numa perspectiva dinâmica, se queremos contribuir para uma mudança efetiva. Somos obrigados a recorrer à contribuição das ciências sociais, procurando uma contínua dialética entre teoria e prática, questionando e aprofundando a primeira a partir da segunda, e vice-versa.

Residir num bairro, trabalhar com as classes populares de maneira nenhuma dispensa de um aprofundamento teórico. Deve-se partir da prática, mas essa deve ser continuamente revista, "teorizada", para modificar-se e tornar-se uma prática sempre mais iluminada e transformadora. É somente nesta altura que poderemos falar de uma **presença de ação crítica**.

4. Vir de Fora?

Resta-nos refletir mais explicitamente sobre um problema continuamente levantado e dificilmente resolvido: o problema de uma **presença que vem de fora** e da **identificação** com as classes populares. Habitualmente a transferência para a base é motivada pelo desejo de uma solidariedade com os pobres, procurando a maior identificação possível. Não há muita ilusão nisto? Pode-se alcançar certa convivência, condições materiais de vida mais simples, mas a pessoa de igreja habitualmente goza de um esquema de segurança diferente, sobretudo

possui um grau de consciência e toda uma bagagem cultural que não pode de maneira nenhuma abandonar, mesmo que não queira utilizá-la. Mas a pergunta vai mais longe. É necessário um maior nivelamento ou poderia ser até prejudicial? Que tipo? Em que sentido?

Evidentemente, todo e qualquer esforço de adaptação e de compreensão da nova situação é válido.

Nós queremos esclarecer o problema em termos mais "teóricos", mostrando como seja necessária, para o desenvolvimento de uma comunidade, a atividade de alguém "de fora", explicando em que sentido entendemos o termo "de fora". Podemos falar da necessidade da colaboração de "educadores" (habitualmente de classe média) que já tomaram consciência de determinada estrutura de exploração e decididos a colocar-se a serviço dos interesses dos estratos mais baixos da população.

A presença de alguém com consciência crítica e disposto a favorecer os interesses dos oprimidos, é indispensável — pelo menos no início do processo — para que esses últimos iniciem um movimento de libertação. Sozinhos não conseguem por falta não de vivência, mas de consciência crítica: estão presos pela ideologia dominante. Não se dá geração espontânea. Há **necessidade de uma espécie de "catalisador"** que provoque a centelha e desapareça.

Nesse processo (5), em um primeiro momento, o oprimido questiona o "educador" para que tome consciência das contradições vividas pelo primeiro. Num segundo momento, a resposta do

“educador” é uma educação conscientizadora que leva o oprimido a assumir contradições que vivia realmente, sem porém ter uma consciência reflexiva, isto é, sem conhecer as causas mais profundas, permitindo-lhe agora iniciar uma ação libertadora. Nesse sentido algo deve vir “de fora”, de uma consciência já esclarecida, alimentada com conceitos que provêm de uma análise da realidade e que devem ser revistos continuamente a partir da prática, mas que não se encontram na consciência do oprimido. A medida que o processo cresce, de-

veria diminuir o papel do “educador” até o oprimido tomar nas mãos, inteiramente, sua própria ação de transformação e de libertação.

Tudo isso aplica-se à pastoral e pode iluminar o papel da liderança de igreja que decide pôr uma presença na base. Para que seja uma presença de ação crítica deve ser uma contribuição de alguém que não impõe “necessidades” próprias ao povo, mas que, por vir “de fora”, tem possibilidade de ajudar o povo a reconhecer melhor suas verdadeiras necessidades e a lutar para alcançá-las.

(Artigo escrito para CADERNOS do CEAS, n. 31 — maio/junho, 1974, pp. 61-67).

NOTAS

1. Conselho Episcopal Latino-Americano, *A Igreja na atual transformação da América Latina à luz do Concílio*, Conclusões de Medellín, Documento sobre a Pobreza da Igreja, Petrópolis, VOZES, 1969, p. 145.
2. *Ibid.*, p. 147.
3. Cf. os trabalhos de R. CARAMURU, *Comunidade eclesial de base: uma opção pastoral decisiva*, Petrópolis, VOZES, 1968 e J. MARTINS, *Igreja local. Comunidade de base*, S. Paulo, 1968.
4. Cf. “Dependências e libertações” em *Cadernos do CEAS*, n.º 24, abril de 1973, pp. 14-25.
5. Para essa parte aproveitamos o artigo de J. C. SCANNONE, “La liberación latinoamericana, ontología del proceso autenticamente liberador”, *Stromata*, jan-junho 1972, pp. 107-160.

A Ação Pastoral das Igrejas Protestantes Brasileiras no Meio Urbano

PAULO AYRES MATTOS

ESTE artigo em parte foi apresentado no Seminário sobre Pastoral Ecumênica Urbana, patrocinado pelo CERJ (Centro Ecumênico do Rio de Janeiro), no 2.º semestre do ano passado.

As reflexões aqui expostas são em termos das denominações chamadas históricas e de origem norte-americana (batistas, presbiterianas, metodistas e congregacionais); quanto às denominações étnicas (luteranas) e pentecostais, apesar de certas semelhanças, há um outro pano-de-fundo que não cabe ser considerado neste artigo.

Basta citarmos, como exemplo, a existência no currículo de quase todos os seminários teológicos protestantes de um departamento denominado "**Teologia Pastoral**" cujo conteúdo se expressa em cursos que ministram conhecimentos específicos ao **serviço do pastor** na comunidade local, tais como "homilética", "clínica pastoral", "o culto cristão", "hinologia", "liderança comunitária", "administração eclesiástica", etc. Entende-se portanto, ação pastoral como atividades desenvolvidas pelos ministros ordenados ou consagrados. Esta compreensão, aliás, não é exclusiva do protestantismo brasileiro, mas se origina dos grupos protestantes americanos que têm patrocinado quase que com exclusividade o estabelecimento das denominações protestantes no Brasil.

Uma primeira observação deve ser feita sobre o uso do termo "pastoral" dentro das igrejas protestantes brasileiras a fim de compreendermos com um mínimo de clareza a ação destes grupos cristãos nos meios urbanos de nosso país. É fundamental que se tenha em mente o emprego restrito e limitado do referido termo, pois sua significação tem a ver antes de mais nada com a ação do "pastor" que é o líder natural da comunidade protestante na maioria das vezes.

Esta observação preliminar nos ajuda, de saída, a compreender todo o escopo da pastoral protestante. Se definirmos "pastoral" como a ação que uma determinada Igreja (e sempre Igreja) desenvolve para concretizar os **seus** objetivos dentro de um dado contexto histórico, a significação do termo dentro dos círculos protestantes brasileiros é coerente em si mesma.

Em primeiro lugar, constatamos que a pastoral dominante na maioria das comunidades protestantes brasileiras é fortemente **clericalizada**, não importando a denominação, pois o fenômeno da uniformização do protestantismo brasileiro é uma de suas principais características. O que o currículo dos seminários teológicos estabelece ao definir seus departamentos de teologia pastoral é simplesmente responder às expectativas das suas denominações. É fato inegável a clericalização da mentalidade protestante brasileira.

Freqüentemente fala-se da valorização do elemento leigo nas comunidades protestantes, realçando-se o fato de sua multiplicação por todo o país se dever em grande parte ao trabalho de obreiros não ordenados. Dá-se grande ênfase às muitas atividades e organizações leigas nas igrejas locais. É verdade, porém, que tudo isto se dá através de uma elite, composta dos "diáconos", "presbíteros", "evangelistas", "pregadores leigos" "presidentes", que se constituem numa verdadeira **hierarquia**, em cujo topo se encontra a figura do pastor. Creio, portanto que os elementos leigos envolvidos na ação pastoral das igrejas protestantes brasileiras se encontram profundamente clericalizados.

Esta clericalização da ação pastoral protestante se dá em função do que se constitui o supremo objetivo das igrejas em sua maioria — garantir ao indivíduo a salvação de sua alma, sendo o pastor o principal instrumento da concretização deste objetivo. Partindo de uma ótica dicotômica do ser humano — dividido em corpo e alma, valorizando-se mais esta do que aquele, todas as atividades de uma comunidade protestante visam criar possibilidades para

seus membros reforçarem a esperança da salvação de suas almas das penas eternas do inferno. Ilustram esta perspectiva pastoral as letras da maioria dos hinos cantados nos cultos protestantes do Brasil, onde quase sempre há apelos e exortações quanto à salvação da alma. O meio através do qual se pode alcançar esta salvação é a luta contínua para se atingir o ideal da "Perfeição Moral". Ainda que dogmaticamente isto seja a negação do princípio protestante "**sola fidei**", especialmente para a teologia ligada à Reforma do séc. XVI das igrejas presbiterianas e luteranas, os protestantes brasileiros são bastante conhecidos por seu ascetismo moralista. Um verdadeiro protestante, mais conhecido como "crente", se esforça continuamente para atingir o aperfeiçoamento de sua conduta privada. A vida litúrgica e devocional, os estudos bíblicos e doutrinários, as atividades evangelizadoras e assistenciais, tudo isto deve ajudar o "crente" a dominar as paixões carnis (em grande parte identificadas com questões de sexo) e a desenvolver uma vida de santidade individual. Daí resulta toda a introversão da pastoral protestante, voltada quase que exclusivamente para o indivíduo.

Fala-se muitas vezes do ambiente comunitário encontrado dentro das igrejas protestantes. É verdade que existe em muitas delas uma forte solidariedade entre seus membros. Praticamente todos se conhecem, participando mutuamente nas alegrias e tristezas. Há muitas atividades que ocasionam entre os membros, relacionamento quase que constante. Isto tudo em grande parte se dá porque, no desejo de atingir o ideal da perfeição moral, todos se ajudam na luta de preservarem-se da influência maléfica do **mun**do.

O mundo é visto como a esfera na qual os poderes demoníacos agem completamente à vontade e, portanto, como a grande ameaça à salvação do crente. Por isso, tudo o que se relaciona com o mundo deve ser desprezado e até mesmo negado, pois senão a obtenção do alvo supremo fica comprometida. Deste modo a pastoral protestante em geral visa proteger o "crente" do mundo e sua corrupção. Viver no mundo é uma contingência da qual se anseia estar livre o mais cedo possível, pois o mundo está irremediavelmente perdido. A única forma de salvar-se da destruição final preparada para Satanás e seus anjos é o indivíduo fugir da corrupção e do pecado através da aceitação de Cristo como seu Salvador e da perseguição do ideal moral da perfeição.

Toda esta pastoral protestante exacerba sua perspectiva quando se desenrola no ambiente urbano. De certa forma a cidade grande é vista como o ambiente da suprema manifestação demoníaca, pois aqui se concretiza de modo absoluto tudo o que é obstáculo à perfeição moral e à salvação da alma.

O fenômeno protestante brasileiro, que em grande proporção é caracteristicamente urbano, aqui encontra uma de suas maiores contradições. Vivendo na cidade, beneficiando-se da expansão urbana, o protestantismo é um inimigo das grandes

concentrações populacionais. Isto porque o protestantismo brasileiro, dentro do quadro cultural do país, se constituiu numa sub-cultura. Trazido para o Brasil por elementos saídos do Sul dos Estados Unidos, reflete toda a ideologia dos grupos ligados à aristocracia rural escravocrata derrotada na Guerra Civil Americana. Religiosamente esta ideologia se expressou no movimento pietista americano, por excelência individualista, moralista e sectário. Além disso, suspeitando continuamente dos grupos sociais ligados à industrialização e, conseqüentemente, de todo o processo de urbanização, sua visão da realidade torna-se fragmentada cada vez mais, na medida em que seu projeto histórico torna-se inviável em vista da nova composição das forças sociais dentro da sociedade americana. Alia-se, portanto, aos setores mais reacionários e conservadores aos quais fornece toda uma justificação com pretensa sanção divina, nutrindo-se do individualismo próprio à burguesia e do maniqueísmo próprio à aristocracia rural decadente.

Chegando a uma situação diferente, com um contexto religioso dominado pelo catolicismo medieval, a subcultura protestante se implanta no Brasil. Paradoxalmente, por um lado, certos setores da sociedade brasileira insatisfeitos com os rumos impostos ao país e desejosos de uma certa liberalização do regime encontram em alguns princípios protestantes identidade ideológica; por outro lado há um contexto social-econômico

**A cidade grande é vista
como o ambiente da
suprema manifestação
demoníaca.**

apresentando certas semelhanças com o do Sul dos Estados Unidos. Não é de se estranhar, portanto, que em seus primeiros anos de Brasil as denominações protestantes tenham conseguido penetrar tanto nas cidades como no campo. É verdade que não custou muito para que se desiludissem os liberais atraídos pela pregação dos primeiros missionários. E, desde então, o sucesso do protestantismo brasileiro tem estado ligado à incorporação das populações rurais, quer as ainda estabelecidas no campo, quer as que migraram para os centros urbanos.

Na medida em que o desenvolvimento da sociedade brasileira percorre o seu próprio caminho, dentro das limitações e dos modelos que lhe impõe sua relação de dependência com os centros de dominação no exterior, o protestantismo brasileiro vai se constituindo, com raras exceções, paulatinamente, numa força reacionária, especialmente nos centros urbanos.

O fenômeno da urbanização está intimamente ligado à migração das populações rurais em busca de melhores condições de vida nas cidades. Migrar é o modo de sobreviver. Fascinados pela ilusão de melhores empregos e salários, largam a lavoura e invadem o Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, etc. Isto significa uma desestruturação social que beira ao caos, pois importa na mudança dos padrões de relações de produção, de relações com o próprio produto do trabalho, e de divisão do trabalho dentro da família etc. Tudo isto produz não só uma instabilidade social, mas também pessoal.

O antigo morador da zona rural, onde seu lugar e tarefas na formação social eram perfeitamente determinados, se vê agora num novo quadro onde as relações são muito mais complexas. Geralmente a ilusão se transforma em pavor e a insegurança das populações urbanas torna-se flagrante.

Nesta altura passa a desempenhar grande papel a dimensão agregadora da religião. A maioria das igrejas protestantes nos grandes centros urbanos tem seus membros recrutados entre antigos moradores de zonas rurais, sendo isto válido tanto para igrejas compostas por elementos das classes populares, como para as igrejas constituídas de elementos da pequena burguesia. Basta lembrar que a maioria dos líderes atuais das igrejas protestantes geralmente são originários das pequenas igrejas da zona rural. Não é, portanto, de estranhar que as comunidades protestantes urbanas no país reflitam fortemente uma mentalidade rural, onde, por um lado, há uma certa aversão ao estilo de vida do mundo urbano e, por outro, há a tentativa de se recriarem as relações do mundo rural. Há alguns anos atrás o sociólogo suíço C. L. d'Epinay caracterizou a estrutura do protestantismo latino-americano como a versão religiosa da estrutura da fazenda: certo espírito coletivista, os instrumentos de coerção social bastante definidos, as relações de poder bem determinadas. Desta argumentação pode-se muito bem retirar a explicação que nos ajuda a compreender por que as igrejas, onde tais características são mais explícitas

Migrar é o modo de sobreviver. Muitos, fascinados pela ilusão de melhores empregos, largam a lavoura e invadem as grandes cidades. Uma desestruturação social que beira o caos.

exercem maior atração nos grupos de migrantes rurais que vivem nas grandes zonas urbanas, como é o caso das comunidades pentecostais.

Já que a mentalidade rural domina grande parte da pastoral protestante brasileira, não faz qualquer diferença se a comunidade se encontra em Quixeramobim ou em Madureira, ou ainda em Vila Isabel ou Copacabana. As mesmas atividades, os mesmos meios e os mesmos métodos são usados indistintamente na cidade e no campo, pois tanto lá como cá tudo é feito sem a menor relação de compromisso histórico com a realidade social onde se localiza a ação pastoral.

A evangelização na pastoral protestante dominante é concebida como um "raide" indígena ao acampamento inimigo onde alguns reféns são feitos, voltando imediatamente à fortaleza tribal. O mundo, no caso a cidade, é visto somente como o fornecedor de almas que precisam

ser salvas a qualquer custo. Esta evangelização é sobretudo anti-romanista e, portanto, anti-ecumênica.

Qualquer relacionamento maior com os católicos é imaginado como comprometedor à consecução dos objetivos evangelísticos da maioria das igrejas protestantes no Brasil.

Tudo isto faz com que a ação pastoral da maioria das igrejas protestantes brasileiras seja tremendamente conservadora, lutando objetivamente para a manutenção do **status quo**. É verdade que tal conservadorismo em alguns grupos se torna bastante sutil, apresentando-se algumas vezes como progressistas ou reformistas, mas na verdade almejando simplesmente reforçar a presente situação. Consciente ou inconscientemente a ação pastoral protestante no Brasil serve para explicar e justificar toda a estrutura desumana e anti-evangélica que determina a vida da sociedade brasileira.

Seminário Ecumênico Internacional



documento

O Seminário Ecumênico Internacional promovido pela Igreja Evangélica Luterana foi um verdadeiro marco nas relações já existentes em excelentes condições entre católicos e luteranos.

É significativo para nós, após uma longa preparação de contatos e experiências ecumênicas de base, ter sido a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil a primeira a estabelecer em caráter permanente um contato oficial em nível nacional

com nossa Igreja. Dois representantes nomeados pelas autoridades de cada Igreja constituem a partir deste ano a Comissão Mista Nacional Católico-Luterana com sede em Porto Alegre. Fato inédito que demonstra a evolução da história do Ecumenismo em nosso país e comprova a importância de um trabalho prévio nas bases. Todos, principalmente na região Sul do Brasil, podem testemunhar o relacionamento amistoso, cordial e sereno e até profunda cola-

horação pastoral que há longos anos católicos e luteranos vêm mantendo. Croando esses esforços temos agora um órgão de contato permanente que deverá encaminhar às respectivas autoridades eclesiásticas as soluções pastorais comuns às nossas Igrejas.

Progressivamente constatamos que não mais podemos estudar e trabalhar isoladamente. A troca de idéias e experiências nos enriquece enormemente e nos coloca na mesma perspectiva de busca dos meios mais aptos para a solução de nossos problemas comuns e a realização de nosso ideal comum; evangelizar.

O Seminário veio confirmar essa necessidade. Enviamos um representante permanente na pessoa da Ir. Maria Augusta Ghisleni, que marcou condignamente a presença da CNBB no Seminário. As atas, contendo a íntegra das intervenções, estão em nossos Arquivos à disposição de todos os interessados. Apresentamos a seguir a apreciação de Ir. Augusta, dando-nos uma visão global do que este acontecimento representa para o nosso Ecumenismo.

Pe. Paulo H. Gozzi, SSS
Assessor da CNBB
p/ assuntos Ecumênicos

1. IMPRESSÕES, COM PARTICIPANTES DO SEMINÁRIO

1.1 Clima do encontro

Grande abertura ecumênica por parte dos promotores (centro de estudos de Strasburgo e IECLB), dos participantes das demais Igrejas, convívio fraterno e cordial, fazendo com que todos se sentissem "em família".

No plenário, nos grupos de estudo, nas refeições e outros encontros, cada qual se sentia aceito e à vontade para expressar seus pareceres e idéias.

Muito esperadas e atentamente aprofundadas as palavras dos conferencistas católicos que, em geral, corresponderam plenamente à expectativa.

Os participantes católicos — tanto os de tempo integral como os de tempo parcial — foram admitidos, desde os primeiros momentos, não como meros observadores mas como participantes efetivos, com voz e voto no plenário e nos grupos de estudos e eram **ouvidos** como representantes das entidades que os encaminharam ao Seminário

(Centro de Ecumenismo do Rio de Janeiro, CNBB Comissão Luterano-Católica).

Nas preces matinais em comum, os católicos participavam plenamente, sendo que, por vezes, foram convidados a integrar a presidência do culto.

Muito significativa para os não-católicos a casa do Cenáculo (a começar pelo nome) como local do encontro. A atitude de acolhimento e de serviço pronto, cordial e sereno das religiosas, além do ambiente de oração, de calma e de bom gosto da casa, deixou neles ótimas impressões.

1.2 Os participantes e seus anseios

Um dos enviados do Centro de Strasburgo, o Dr. Harding Mayer, é o encarregado das relações luterano-católicas.

Os participantes da IECLB eram, em sua maioria, pastores jovens ou de meia idade, em plena atividade paroquial de sua

Igreja e grandemente empenhados numa busca séria de caminhos para a solução dos problemas que afetam o povo de Deus. Muito sensíveis face aos padecimentos dos "mais fracos", preocupam-se com:

a) a religiosidade popular, no sentido de orientar o povo, quanto possível a viver autenticamente sua religião, respeitando o credo de cada um e reconduzindo-o eventualmente a seus líderes religiosos.

b) o ecumenismo que frequentemente, nas bases é, divisor de águas nos arraiais protestantes ao nível dos pastores. A "divisão" ao que parece é induzida pelos líderes religiosos e não enraizada no povo, que convive em paz, com seu vizinho protestante ou católico.

c) a relação Igreja-mundo, com vistas à necessária harmonia entre o horizontal e o vertical.

d) a problemática sócio-político-econômica brasileira, face à qual julgam omissão grave uma postura neutra por parte das Igrejas; estão vivamente conscientes das dificuldades inerentes à atuação nestes campos.

De modo geral, os participantes não-católicos desse seminário, olham com respeito e até com admiração a Igreja Católica, sobretudo a CNBB como órgão máximo. Apreciam a renovação conciliar, a corajosa atuação diante da conjuntura brasileira atual, e as iniciativas pastorais nos vários campos e níveis.

As sugestões dos católicos para a caminhada ecumênica nacional ou internacional eram

acolhidas e estudadas com grande atenção. Algumas delas, foram votadas e integradas nas resoluções finais. Para sintetizar o que percebi e senti neste encontro (e foi encontro em toda a acepção do termo), direi que o testemunho recíproco e o convívio fraterno desses 10 dias realizaram o que diz o Salmo 132:

"Quanta paz e quanto bem, quanta alegria nos vem de vivermos como irmãos". Assim seja eternamente.

2. ALGUMAS CONCLUSÕES EM DESTAQUE:

Os diversos grupos foram convidados a refletir sobre as perguntas seguintes:

2.1 Como trazer a aproximação existente nos grandes foros de diálogo ecumênico internacional para a nossa situação concreta?

— A solução não seria a de simplesmente transmitir e explicar teoricamente estes resultados do diálogo. Isto valeria talvez no caso da necessária informação dos líderes, pastores e padres, de vez que há carência de informação. No que toca à vivência da aproximação por parte do povo em geral, no entanto, deve-se encontrar um andar paralelo de informação teórica e programação prática.

Para isto:

— Encarregar a Comissão mista Católico-Luterana (existente no Brasil e que traduziu o rela-

tório de Malta) de enviar esse Documento, juntamente com um questionário, a todos os obreiros e líderes das duas Igrejas.

— Fazer um apelo para que haja uma divulgação ampla do relatório de Malta por todos os meios possíveis.

— Fomentar a discussão e o estudo do Documento de Malta em Conferências pastorais, em encontros mistos de padres e pastores e em reuniões de grupos ao nível local.

2.2 Qual a dimensão das divergências que separam as Igrejas no Brasil?

O conflito, na mente do povo, só existe na medida em que foi importado, já que suas origens não aconteceram aqui e não foram vividas na sua situação histórica.

O povo (como tal) não reflete e não assimila o conflito teológico. Isto facilita a aproximação e nos leva a compreender o natural desejo de unidade por parte dos membros de nossas Igrejas.

O que há são conflitos de honra e orgulho, mais do que de fé e teologia.

Analisando o quadro confessional brasileiro podem ser observados dois tipos de divisão: os teólogos seguem em geral as linhas fundamentais clássicas. Neles o ponto central talvez seja a diferente compreensão do ministério eclesial dentro do quadro da sucessão apostólica. Entre a massa do povo não especialista em questões teológicas parece haver menos atenção pa-

ra essas questões, consideradas excessivamente teóricas.

As linhas de divisão percorrem, então, todas as confissões, de acordo com o conceito da missão da Igreja no mundo. Seriam divisões ou correntes não por "igrejas", mas em **linhas verticais** que "cortam" a cristandade no Brasil, assim:

1) Angelismo ou Escatologia do futuro.

2) Nacional cristianismo ou Sacralização das estruturas.

3) Reformismo Cristão. Reconhecimento de pluralidade de opções.

4) Revolução evangélica ou opção radical.

2.3 Sugestões para a superação das dificuldades

— Deveriam ser feitos encontros na base das igrejas, com pastores, padres, líderes leigos, mulheres engajadas. Isto daria a possibilidade de partir da prática pastoral e, depois, repensar os dogmas teológicos;

— no início, não deveria haver muita preocupação teológica, mas preocupação de ação e engajamento;

— as definições teológicas seriam pensadas e elaboradas pelas cúpulas para a orientação ecumênica das bases. Face ao "medo das cúpulas" eclesiais de concretizarem o ecumenismo:

a) avançar em passos ecumênicos lentos até chegar a pontos fundamentais, e, então, resolver em conjunto os mesmos.

b) ou adotar a "quase loucura" de se fazer um passo grande, acompanhando as bases

na sua situação, para a imediata intercomunhão total e refletir depois os aspectos teológicos e dogmáticos.

2.4 O que motivou o interesse ecumênico no Brasil?

Pensamos que o interesse nasceu do ponto de partida central do ecumenismo, que é o reconhecimento da unidade do Corpo de Cristo. Certamente contribuiu um segundo aspecto, qual seja, o fato de termos aguçado as nossas vistas pela divisão.

Na prática, indubitavelmente, a abertura proporcionada pelo Vaticano II motivou e orientou a preocupação, o diálogo e a concretização do ecumenismo.

2.5 Qual a contribuição católica para o diálogo ecumênico mundial?

Certamente já estamos em condições de não só receber, mas de dar contribuição para o diálogo mundial.

Isso, em dois campos especialmente:

a) No terreno estritamente religioso temos caracterizações peculiares nossas em que já temos e ainda devemos obter maior experiência e com ela contribuir, como, por exemplo, no sincretismo, na mariologia, nas manifestações de cristianismo (catolicismo) popular.

b) No aspecto sócio-político temos experiências de valor que certamente deverão ser observadas no que toca ao trabalho assistencial das Igrejas.

3. SUGESTÕES GERAIS

3.1 Ampliação da Comissão Mista Luterano-Católica

O reforço da Comissão mista luterano-católica já existente, de forma a torná-la um organismo capaz de encaminhar propostas em ordem a uma maior colaboração entre ambas as Igrejas, em todos os campos.

— Celebração, em 1976, de um Seminário conjunto sobre realidade brasileira, com participação também do pessoal de direção da CNBB e da IECLB.

Como o ecumenismo não pode ficar restrito à ação dos órgãos de direção, deve ser promovida a ação conjunta em nível de comunidade de base.

Para isto, é necessário conscientizar a comunidade de base sobre a "comunidade de fé" que nos une, respeitando as convicções pessoais de cada um.

Pode e deve haver uma comunidade na leitura e meditação da Sagrada Escritura.

Os encontros entre padres e pastores, são recomendados não apenas como meio de conhecimento mútuo, mas sobretudo em função das tarefas da comunidade de base.

A evolução posterior das comunidades de base é imprevisível. As Igrejas deveriam permitir que essas comunidades atuem como laboratório de vivência ecumênica. As mesmas Igrejas deveriam acompanhar essas experiências, fazendo periodicamente um reexame comprometedor das próprias estruturas.

3.2 A liturgia como tarefa comum das Igrejas

Constatamos que a liturgia (em algumas Igrejas) é muito racional e verbal, sem calor humano, sem visualização, não envolvente e não favorável à comunhão.

Por outro lado, sabemos que o povo procura e tem necessidade justamente daquilo que falta em nossa liturgia (veja Pentecostalismo e Umbanda).

Na liturgia vemos, então, uma tarefa ecumênica no sentido de colher idéias e elaborar, em conjunto, formas litúrgicas novas.

3.3 A tarefa político-social da Ecumene

O Seminário nos conscientizou da necessidade, mas também da complexidade desta tarefa e nos causou a sensação de impotência frente à vasta gama de poderes que garantem o "status quo".

Todavia, pensamos que a dignidade humana não se deixa oprimir totalmente e que existe uma percepção latente interior no povo, maior do que a sua manifestação exterior.

Vimos como uma tarefa comum das Igrejas manter acesa e estimular esta percepção, em sua função crítica, lutando contra a apatia.

3.4 Situações ecumênicas de emergência

Verificou-se que certas situações ecumênicas de emergência, como formaturas, casamentos mistos etc., devem ser aproveitadas, com o objetivo de criar um maior aprofundamento teológico.

No caso das celebrações ecumênicas, é imprescindível que sejam precedidas de um sincero diálogo, para evitar um ecumenismo festivo e superficial.

3.5 Outras considerações

- os diálogos bilaterais são os mais frutíferos;
- a criação de grupos interconfessionais de oração é recomendável;
- o ensino religioso nas escolas é um desafio e uma oportunidade de alcance ecumênico ainda não suficientemente explorados.

LANÇAMENTO

DISCUSSÃO SOBRE IGREJA — Zwinglio M. Dias
Cr\$ 15,00

“Num momento em que a Igreja enfrenta, indecisa, graves e decisivas opções, entendemos que, para sobreviver aos erros do passado e superar as pressões cada dia mais fortes do secularismo que caracteriza nosso tempo, ela precisa esclarecer seus membros com elementos capazes de romper as estruturas tradicionais de pensamento e de ação, hoje carentes de pertinência, e substituí-las por uma visão do Evangelho mais consuetânea com as necessidades de homem moderno.” (Z. M. Dias).

Dando continuação às edições ecumênicas, as duas Editoras — Tempo e Presença e Vozes — lançam mais este livro, em que o Pastor Zwinglio M. Dias, de uma comunidade da cidade do Rio de Janeiro (Presbiteriana da Penha), reúne valiosas reflexões teológicas em torno do problema da fé, do ateísmo e da Igreja, fruto de sua experiência pastoral. Sua linguagem é clara, límpida, acessível e sua doutrina é profunda, segura e muito bem enraizada nas Sagradas Escrituras. Suas reflexões devem ser entendidas dentro do contexto do debate teológico que atualmente se processa na maioria das comunidades, tanto evangélicas quanto católicas.

Dividido em três partes — Fé, Visão Cristã, Igreja — o livro alcançará certamente o seu objetivo, qual seja, provocar uma nova reflexão sobre o papel da Igreja em nossos dias.

Pedidos diretamente à Tempo e Presença Editora Ltda.

LIVROS

RELIGIOSIDADE POPULAR NO BRASIL

Revista Vozes n.º 7

setembro de 1974

Preço Cr\$ 9,00

rito; religiosidade e contracultura; imagens de Cristo nas camadas populares.
Em texto: "A religiosidade popular no cinema brasileiro", por Miguel Pereira.
Recomendável para professores e estudantes de sociologia da religião, literatura de cordel, cinema brasileiro, problemas da contracultura, leitores interessados em colonização missionária.

CRISTO E A CONTESTAÇÃO POLÍTICA

Oliveira L. Gonçalves

(da Univ. Fed. de Goiás)

Coleção CID/História 1

184 pp — Preço: Cr\$ 20,00

tamente o movimento contestatário dos zelotes. Jesus foi contemporâneo desse movimento e de seus líderes. Houve uma influência recíproca entre eles? Teria sido Jesus um líder zelote? Ou apenas um líder para-zelote? Os dois movimentos, o zelotismo e o cristianismo, não teriam sido simplesmente paralelos? Estas e outras questões são amplamente debatidas pelo autor, que é doutor em História. Um livro que se recomenda a todos que se interessam pela História do cristianismo, do judaísmo e por suas repercussões na formação do mundo ocidental.

A FESTA DOS FOLIÕES

Harvey Cox

184 pp — Preço: Cr\$ 25,00

dançando, satirizando as leis, os costumes, os poderes constituídos, as virtudes e os rituais pomposos da Igreja — o autor constrói interessante ensaio sobre a teologia da festividade e da fantasia, pretendendo mostrar que a nossa verdadeira essência é sermos antes de tudo *homo festivus*. O conhecido teólogo afirma "Não haver motivo algum para os gozadores da vida não se engajarem, também, em transformar, a fundo, a sociedade". Um livro escrito para teólogos, antropólogos e sociólogos. Mas que será lido por todos, com prazer e utilidade.

Artigos de: João Dias de Araújo, Waldo César, Rubem Alves, Laís Mourão, Henrique Osvaldo de Azevedo e Jaci. C. Maraschin.

Temário: Jesus Cristo na literatura de cordel; urbanização e religiosidade popular; o campo-nês e a colonização missionária; Sociologia do

Partindo de alentada e minuciosa análise científica sobre os textos da época, o autor estuda o relacionamento de Cristo com o partido zelote que, pouco depois do nascimento de Jesus, concitava o povo judeu para um levante contra o Império Romano. A causa mais importante da ruína e destruição de Israel foi just-

Partindo da descrição histórica e da interpretação de uma festa tipicamente medieval — em que o povo, o baixo clero e a própria classe média saíam às ruas, mascarados, cantando,

Em todas as livrarias do país, ou pelo Reembolso Postal: Rua Frei Luís, 100, Petrópolis, RJ; Filiais: Rio, S. Paulo, B. Horizonte, P. Alegre, Brasília. Representantes: Recife. Fortaleza.



EDITORA
VOZES

Rua Frei Luís, 100. Tel.: 42-5112
Caixa Postal 23. End. Telegr.: Vozes
25.600 Petrópolis, Estado do Rio
C.G.C. 31.127.301/0001
Inscr. Est. 39.030.164